

gastão cruz

a moeda do tempo e outros poemas

organização e posfácio
de jorge fernandes da silveira

prefácio de luis maffei

edição revista pelo autor

**Língua
Seraj**

A MOEDA DO TEMPO

Distraí-me e já tu ali não estavas
vendeste ao tempo a glória do início
e na mão recebeste a moeda fria
com que o tempo pagou a tua entrada

A MINHA VIDA É A TUA ETERNIDADE

*(...) pensei apenas que tivesses morrido
como qualquer outra imagem volúvel e
nunca eterna.*

FHPB, *Movimento perpétuo*

Eu podia já ter
morrido e seria
apenas uma imagem que morria
como tu suicida nesse quarto
de mil novecentos e sessenta e quatro

imagem para mim eterna todavia,
a minha eternidade é a minha vida,
e tudo o que existir para além da memória
que guarda a imagem transitória

já não será o corpo onde tu não estarás
porque ele mesmo há-de tornar-se abstracto
ou seja, inexistente como um opaco
lugar aonde a luz não volta mais;

como tu eu podia
ter morrido
a tua e a minha vida coincidem
no teu tempo mortal e na imagem
eterna enquanto vivo

RAMO

Talvez eu não consiga quanto amo
ou amei teu ser dizer, talvez
como num mar que tu não vês
o meu corpo submerso seja o ramo
final que estendo já não sei a quem

COISAS CONTEMPORÂNEAS

As aves de que sou contemporâneo
as árvores, os barcos que na ria
se movem ou se fixam sendo imagens
que simultaneamente brilham
em todos os momentos em que as vimos,
oliveiras de folhas indecisas quando
a noite o seu poder de virgem
assumia, sangrado e devorado o corpo
nu do dia corpo igual ao que tínhamos
ainda que oliveiras formem sempre a cortina
corrida como sobre, entretanto apagado, o
palco, e os barcos imitem
velhas fotografias de que vimos sumir-se
devagar a luz dura: barcos árvores
aves que são a fala imutável da
ria, será de vós que vivo
repetindo crepúsculos e horas prematuras
e tardias o amor com lugares
confundindo, na dúvida de quando
do seu concreto fogo invisível
saíamos, contemporâneos afinal de que
coisas e símbolos, a natureza já
não sendo o templo de pilares vivos

mas o templo do tempo em que entre o
vivo o que viveu e o que viverá
só lembramos a breve ondulação
de marés e raízes, enquanto
a mente oscila nos limites de uma
vida; os seres que comigo o presente
fabricam habitam-me e, ao ar
ou à água entregando o corpo, é neste
e noutro tempo que rompem
o natural domínio do meio-dia,
oh juventude nas areias fixa,
e surgem, a horas do antigo silêncio
desprovidas; recuperam porém a harmonia
das formas líquidas sempre indivisíveis:
falei do mar como do ar sem centro
e assim o revejo ou é a ria
que novamente à casa e até mim sobe,
passa longe uma ave procurando
um lugar no meu tempo, tão extenso
que não sei se a verei de novo ainda
ou se os meus olhos jovens já a viam;
a sua imagem afinal vivia
sem mim como a dos barcos um dia no
futuro sobrevividos à atenção tão viva que vigia
a sua oscilação na preia-mar da ria
ou a clara cortina de oliveiras que a
chegada da noite espera para o seu
escuro destino uma vez mais cumprir,
coisas contemporâneas de uma vida
que excede a minha vida

JUNTO AO CANAL

Madrid, Paris, Berlim, S. Petersburgo, o mundo!

Penso isto percorrendo
sábado de manhã a avenida Nevsky
e não me é estranho o claro cinzento
de setembro, os lugares não
mudam nem sequer
os transeuntes, Gogol passa
no passeio que
começa a encher-se de gente
e detém-se na ponte sobre o largo canal
Moika; a cidade mais bela assim a ela
se referiu há muito o Abelaira
ao regressar à obscura
Lisboa luminosa; olhando as caras claras
olho o mundo
à sua etapa última chegado,
mas não são últimas todas as etapas?
Não é pensável o poema, e o mundo
como que pára, nos seus tempos diversos
se movendo, escrevo a andar, vejo
a manhã russa e as cores das fachadas
verdes e amarelas ocre e rosa envolvendo-me,
volto ao canal onde a aragem fria
a água agita e aparentemente a faz
correr, não estou aqui
talvez, lugar e
tempo anulam o meu ser

MENSAGEM TARDIA SOBRE A PALAVRA AMOR

Talvez ignores afinal não a
palavra com seu som e sentido
mas a rebelde música que sem
sabermos onde tem a aquosa
origem se transforma num rio
de ruído quando
o impuro instinto do mar
definitivo a atrai e apaga
a melodia que uma voz persistia
em conservar audível

Ignoras até mesmo
o vão sangue do signo que já
não é palavra nem o breve fio
de água cantando sob
um sol ambíguo
Ele vai derramar-se da
ferida
da linguagem para que
tu recebas
a morte desse líquido